



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO-AMERICANO.

Cristiano Mello de Oliveira ¹

RESUMO: O presente artigo visa tecer algumas interpretações despreziosas comparativas na obra *O turista aprendiz* (1976), de Mário de Andrade e a obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo* (1971), de José Maria Arguedas. Primeiramente iremos tecer algumas considerações reflexivas a respeito da obra desses grandes escritores. Em um segundo momento, situaremos em grau comparativo biográfico a perspectiva desses dois escritores. Posteriormente, em uma terceira etapa iremos buscar situar alguns laços contextuais históricos no período ao quais esses escritores estavam inseridos no plano da América Latina. Adiante, iremos centralizar o nosso olhar no objeto desse artigo, buscando pinçar fragmentos em ambas as obras que melhor evidenciem as possíveis semelhanças aqui canalizadas. Postulamos que ambas as obras guardam variados aspectos similares que podem elucidar a forma e o estilo do fazer literário de ambos os escritores. Como lastro teórico, iremos utilizar: Ancona (1977), Polar (2000), Mariategui (1928), entre outros. A contribuição desse artigo visa despertar para academia e aos pesquisadores a proximidade do povo e do popular nas duas obras analisadas, assim como as contribuições sociais que lhes motivaram a continuar escrevendo.

PALAVRAS CHAVE: *O turista aprendiz*, Mário de Andrade, *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*, José Maria Arguedas, Literatura comparada.

1.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS

O crítico literário argentino Raul Antelo salienta e sugere a importância da aproximação literária entre as obras *O turista aprendiz*, de Mário de Andrade e a obra *El zorro de arriba y El zorro de abajo*, de José Maria Arguedas. O crítico ressalta que: “Arguedas esgota as possibilidades do diário romanceado e transforma o gênero de maneira mais radical que a do Mário, pois terminado o livro, o autor morre realmente com ele: Arguedas suicidou-se em 1969.” (ANTELO, 1986, p. 63) Erudição coberta de aproximações literárias comparativas e ao mesmo tempo uma excelente sugestão investigativa para aprofundarmos novas perspectivas sobre essas duas obras. Ao utilizar a expressão “diário romanceado” como estilo de gênero literário abarcado por José Arguedas, o crítico também evidencia as grandiosas semelhanças com o



diário de viagens da obra *O turista aprendiz*, de Mário de Andrade e nos direciona a olhar com maior reflexão, aprofundamento, recomendando e insinuando considerações que podem elucidar desafios instigantes para uma genuína monografia. Em suma, é guiado pelo fio dessa discussão que moveremos o nosso texto ensaístico.

Redigir e investigar a obra *O turista aprendiz* (1976) do escritor Mário de Andrade e a obra *El zorro de arriba y El zorro de abajo* (1969) presente em ambas trajetórias intelectuais sociais implica diretamente numa breve tarefa de análise histórica e hermenêutica. Ao pesquisador/investigador cabe confrontar alguns teóricos renomados, servindo desses apenas como balizamento, assim como realizar a leitura do período histórico à qual Mário de Andrade estava situado na nação brasileira e José Maria Arguedas na nação peruana. Aliás, pensar a literatura de Mário e Arguedas impregnada nas crônicas de viagens do *Turista Aprendiz* e *El Zorro* seria enveredar por um contexto densamente observado durante suas viagens e andanças etnográficas. O incentivo a esse estudo aqui presente nessa monografia será instigante já que compreender suas reflexões acerca da posição do intelectual social e próximo do povo, bem como os efeitos das contribuições sociais, especificamente as representações literárias das migrações internas ²deixadas por ambos os escritores fortalecerá algumas possíveis estudos que serão canalizados de maneira contributiva. Tendo em vista, seu consagrado poder ideológico e pensamento, são através dessas modelações que iremos explorar o nosso objeto de maneira analítica, ou seja, a proximidade de Mário e Arguedas com o popular e o social e suas consequentes contribuições literárias e sociais.

Devemos salientar que a escolha destes autores, cada qual ao seu modo, e especificamente dessas respectivas obras, remete-se a uma preocupação em entender como se processam, dentro do universo da literatura brasileira e peruana, certos fenômenos de representação literária e social de época. O que pretendemos enfatizar é que faz sentido pensarmos nessa aproximação da representação do social do período em que foram publicadas tais obras como fator preponderante para a construção dos seus diários de viagens e de suas



anotações etnográficas. Tendo em vista a amplitude do tema aqui tratado, frisamos que iremos remeter nossa maior atenção para o recorte em comum dos fragmentos do contexto das migrações internas, representadas em ambas as obras literárias. Outrossim, como se organizam e articulam brevemente o contexto literário, histórico e sociológico do período, tendo em vista as fortes mudanças políticas e culturais ocorridas nos anos 30 até o ano de 1970, período em que ambos os escritores estavam vivos e produzindo suas obras literárias. Portanto o nosso recorte dos fragmentos que ser dará a nossa investigação seria aquele que foram produzidos os diários das crônicas publicadas no Jornal Diário Nacional por Mário de Andrade e o ponto final seria a publicação da obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*, de José Maria Arguedas.

A obra *O turista aprendiz*, foi escrita entre os anos de 1929 e 1930 em forma de diários de anotações e crônicas de viagens. Em um primeiro momento o escritor paulistano irá publicar originalmente esses escritos no jornal Diário Nacional entre dezembro de 1928 e março de 1929. Devemos salientar que a obra encontra-se dividida em duas partes essenciais de crônicas de viagem: a primeira o escritor paulista irá descrever a trajetória do estado do Amazonas até o Peru, já a segunda ira detalhar profundamente os trabalhos etnográficos realizados por Mário no Nordeste Brasileiro. O texto da obra *O turista aprendiz* é apresentado estruturalmente como gênero híbrido, muito próximo ao do diário de viagens (documento histórico e literatura), e na época que foi publicado fora muito criticado por apresentar um caráter fragmentado, frases indecisas, pouco definidas, e estrutura interrompida, que aqui se permite chamar de irrupções circunstanciais do vai-e-vem dos intervalos da escrita.³

Por outro lado, a obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*, foi escrita em forma de diários de anotações, trechos romanceados de ficção, nos anos de 1966 e 1969. O título da obra simula pela palavra, “Zorro de Arriba” a raposa da serra, ou seja, os índios, e “Zorro de Abajo”, a população que vive no litoral peruano. A estrutura da obra divide-se em três diários que ganham toda perspectiva e encadeamentos à medida que o leitor avança na narrativa. Basicamente, o primeiro diário, evidencia sua decisão de cometer o suicídio, o



segundo, o autor desiste em parte do suicídio, porque precisa terminar o romance que está elaborando, e a terceira parte, Arguedas, já bastante depressivo, começa a relatar os episódios de sua vida, que vieram causar sua profunda depressão pela nação peruana e que desencadearia na sua própria morte.⁴ *Grosso modo*, a última obra de José Arguedas apresenta a mescla de um discurso coberto de vozes, juntamente com gêneros literários que aglutinam diversos pontos de fazer literatura. A obra apresenta muitos aspectos fragmentados, mas que não comprometem muito o ato de leitura daquele leitor mais perspicaz. O ponto mais dramático e caótico de *El Zorro* foi quando Arguedas comete o suicídio numa sala de aula da Universidade de La Molina, na data de 28 de novembro de 1969.

A problemática maior permanece que ao confrontarmos esses dois escritores de nações diferentes, nos colocamos na contramão da crítica de viés nacionalista, limitada por critérios puramente lingüísticos e culturais. Para as devidas convenções literárias não deveriam existir na teoria e nem na prática uma possível relação consistente entre Mário de Andrade e José Arguedas. No entanto, não devemos simplesmente nos acomodar diante desse alerta e tarefa um tanto problemática,⁵ mas, sobretudo, buscar analisar e investigar o grau de comportamento desses escritores frente ao manancial artístico literário da América Latina ao qual estavam submetidos.⁶ E no tocante, ao que estamos aqui empreendendo, ambas as obras denunciam: o trágico processo migratório e as péssimas condições de trabalho aos proletariados. Consciente ou inconscientemente, Mário de Andrade registra nas suas crônicas de viagem, as incongruências migratórias dos proletários que se encontram desamparados em sua localidades. Ou seja, a falta de infra-estrutura e trabalho local faz funcionar como efeito desencadeador de um montante de pessoas retirantes para a cidade de São Paulo. “Mas a cidade está desfalcada. Cerca de 1.100 famílias da zona foram pra S. Paulo.”, (ANDRADE, 1976, p. 292) escreve Mário em tom de discórdia e denúncia ao desfalque provocado pelo efeito predatório da migração. Enquanto José Maria Arguedas retrata os indivíduos que perdem as suas tradições e origens da Serra Peruana, para tentarem melhores condições de



trabalho no litoral peruano. “Pero me encuentre con que la ciudad de Chimbote es una espécie de gran remolino social en el grupos emigrados de diferentes zonas de la costa y de la sierra han entablado un estado de relaciones especialisimas, determinadas al parecer, fundamentalmente, por sus diferentes formaciones culturales.” (ARGUEDAS, 1996, p. 385), escreve José Arguedas tentando elucidar algumas precárias condições de migração desenfreada da serra peruana para o litoral.

Cabe lembrar que tanto *O turista aprendiz* (1976), tanto *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo* (1971) foram obras póstumas, ou seja, foram reeditadas após a morte de seus escritores. Telê Porto Ancona Lopez, se encarregou de juntar os manuscritos em um projeto genético e publica-los no ano de 1976. Por outro lado, a esposa de José Arguedas, Sybila Arredondo, foi responsável pela publicação e encaminhamento dos originais para a Editora Losada na Argentina no ano de 1971. O lapso temporal de apenas cinco anos não foi suficiente para distanciar esses enredos tão próximos e de características tão semelhantes. É perturbador dizer que tanto a obra do escritor brasileiro, como a do peruano Arguedas, sintoniza um grande mosaico antropológico alusivo de mescla de vozes, aspectos marxistas-sociológicos relacionados à investigação econômica, assim como são obras baseadas em fatos realmente concretos. Ou seja, fatos e episódios vivenciados por ambos os escritores no decorrer de suas andanças e viagens pelas respectivas nações. De forma relativa, podemos postular que, ambas as obras estão calcadas pela denúncia social e pela prática militante de realizar literatura engajada. O primeiro comprova por uma faculdade excepcional de penetrar no interior da vida dos trabalhadores do interior nordestino, já o segundo aprofunda as questões dos oprimidos na cidade costeira peruana de Chimbote. Portanto, os dois escritores não hesitaram ao tematizarem assuntos como: marxismo, crítica social, denúncia, historicismo das duas nações.

1.2 BREVE COMPARAÇÃO DA BIOGRAFIA DE MÁRIO DE ANDRADE E JOSÉ MARIA ARGUEDAS



Mário de Andrade nasceu em 1893 e faleceu em 1945. José Maria Arguedas viveu de 1911 a 1969.⁷ A partir de 1930, ambos viveram no auge da produção artístico literária em países distintos, sem contato um com o outro. O poeta paulista chegara apenas como visitante no Peru quando tinha seus 36 anos, quando o romancista peruano contava com seus 18 anos de idade. Ao morrer o primeiro, o outro contava com apenas 34 anos. Tanto o intervalo biográfico quanto o da publicação dos respectivos livros *O turista aprendiz* (1976) e *El zorro de arriba y el zorro de abajo*, (1971) acabam por nos notificar sobre uma mudança de grandes proporções na geopolítica da América Latina, região que suas interpretações à respeito da sociedade e do povo pretendem assimilar e compreender não somente o substrato da cultura nordestina ou a cultura indígena serrana peruana, mas acima de tudo um novo patamar analítico de relacionar culturas de diferentes nacionalidades.

Sobre a história familiar de José Maria Arguedas, seus pais foram Victor Manuel Arguedas Arellano e Victoria Altamirano Navarro. O pai era juiz, exercendo sua profissão pelo interior das cidades peruanas, viajava bastante e tinha uma vida muito atarefada pela sua profissão. Sua mãe era apenas dona de casa e faleceu muito nova no ano de 1914, deixando José Arguedas vivendo somente com o seu pai. Como o pai viajava bastante Arguedas acabava ficando com os empregados que falavam o idioma Quéchuá. No ano de 1917, seu pai se casou novamente e juntos se mudaram para a cidade de Puquio e logo depois outra mudança para San Juan de Lucanas. Durante algumas intensas viagens de seu pai, o jovem Arguedas acaba sendo criado pela madrasta que não tinha o total interesse de dar carinho suficiente, assim como uma assistência amorosa para as relações que Arguedas tinha com a sua mãe legítima.

Por outro lado, o escritor Mário de Andrade era filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luisa Leite Moraes Andrade. Em linhas gerais, Mário e sua família irão fixar residência na Rua Aurora, 320, na cidade de São Paulo. Passará boa parte da infância e de sua juventude nessa residência. No ano de 1899, começa seus estudos no curso primário no Grupo Escolar da Alameda do Triunfo. A família passará a residir no Larga do Paissandu. No ano de 1905



após ingressar com toda dedicação no Ginásio N. Sra. Do Carmo dos Irmãos Maristas, na cidade de São Paulo. Forma-se em 1909, bacharel em Ciências e Letras. No ano de 1917 o escritor paulista irá obter o diploma de professor de piano do Conservatório. Seu pai acaba falecendo. Escreve e publica a obra *Há uma gota de sangue em cada poema*, poesia, que terá grandes influências e repercussões na Primeira Guerra Mundial. Realiza a primeira viagem a Minas Gerais e irá ter contato com o barroco mineiro através de grandes obras artísticas. No ano de 1921 muda novamente de residência, passando a residir na Rua Lopez Chaves, 526, no bairro da Barra Funda. Inicia suas atividades de professor de História da Arte no Conservatório. ⁸

No mesmo ano de 1921, o jovem escritor peruano José Maria Arguedas escapa com seu irmão Aristides da opressão que vinha a sofrer com sua madrasta. O pai tampouco imaginava que seu segundo casamento resultou no distanciamento de Arguedas com sua madrasta. Arguedas e seu irmão acabaram se refugiando na fazenda Viseca, onde viveram dois anos em contatos com vários índios. Durante essa aproximação, Arguedas irá acumular experiência e sabedoria suficiente para aprimorar os seus conhecimentos indígenas e conseguir assimilar as tradições e os costumes daqueles que seriam os primeiros personagens das suas obras literárias. ⁹Arguedas irá também assimilar a linguagem quéchua e parte da cultura. Somente no ano de 1923, que Arguedas junta-se ao seu pai e começa uma espécie de peregrinação pelas cidades e pequenos povoados da Serra Peruana. Enfim, durante essa etapa, Arguedas irá apreender a geografia dessas localidades e aprimorar a sua aproximação com o social e o popular peruano de época refazendo algumas teorias que pudessem torna o substancial dos seus futuros escritos.

A ocorrência de não terem sido falantes diretos, viverem em épocas distintas, nem se aludirem como leitor/escritor ou influenciador/influenciado, intriga ainda mais a crítica literária por observar algumas semelhanças no estilo sociológico de ambas as obras. Com efeito, isso também evidencia que os dois intelectuais participaram de um mesmo movimento de pensamentos e idéias, na função de produtores, reprodutores e receptores. Mário morrera de enfarto na



sua modéstia residência na Rua Lopez Chaves em 1945, já Arguedas cometeu suicídio 14 anos depois, no ano de 1969. O abalçamento desses contatos é fortalecido pelo entrecruzamento dos aspectos sociológicos e marxistas, já possivelmente impregnados nesses discursos narrativos. A linhagem análoga desse segmento provocou, possivelmente, outros estudos e romances, tendo em vista o fortalecimento das obras desses escritores.

A significativa expressão de Sérgio Miceli “escritor-funcionário-público” pode ser muito bem adotada na situação de intelectuais comprometidos, inclusive Mário de Andrade, que por sinal exerceu com destreza na função de homem voltado as vicissitudes sociais e artísticas. Por outro lado, completamente dedicado a compreender nas necessidades populares registrados nas páginas do *Turista Aprendiz*, especificamente na segunda parte da obra, o empreendimento maior de “dar conta” de uma realidade pouco vivenciada na sua cidade natal de São Paulo. No seu livro *Intelectuais à brasileira* (2001), Sérgio defende a ideia de que muitos escritores eram funcionários públicos e terem exercidos com vasto domínio a função da escrita e de consagrar seus trabalhos nos meios intelectuais. Ora, concordamos plenamente com os ideais estabelecidos por Sergio Miceli, e acreditamos que sua expressão soa nitidamente aquilo que Mário e Arguedas tiveram que absorver nos seus árduos expedientes, seja enquanto funcionários públicos na qualidade de homens vinculados ao estado, seja enquanto intelectuais comprometidos com suas nações.

Por outra perspectiva análoga, no seu acurado estudo “Fragmentos da história intelectual” a historiadora Helenice Rodrigues da Silva ao percorrer os emaranhados da trajetória da história intelectual discorre que: “[...] a história intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos.” (SILVA, 2002, p. 12) Ora, como verificamos no trecho extraído, a pesquisadora impõe um olhar mais contextual quando determinado estudioso passa a comparar ou simplesmente examinar a história intelectual de determinados autores. Ou seja, examina-os com os



pressupostos das ciências sociais, das raízes filosóficas, das formações históricas, entre outros. Nesse sentido, o raciocínio de Helenice, ancorado nas suas respectivas leituras, faz alusão para aquilo que nessa monografia iremos empreender e justificar. Em suma, é somente enxergando a leitura de Mário e Arguedas, enquanto intelectuais idealizadores de suas análogas dimensões sociais, é que poderemos enxergar os liames que cada um possa rechaçar nas suas categorias de protagonistas da história de suas nações.

Em resumo, os escritos estabelecidos em suas obras literárias e suas produções intelectuais, tanto em Mário como em Arguedas foram prolíficas. Ou seja, obras difusoras dos ideais brasileiros e peruanos, amplas e distintas em vários sentidos, compreendendo, *grosso modo*, ensaios, artigos em jornais, trabalhos acadêmicos, traduções, obras de ficção, contos, romances, narrativas populares, entre outros aspectos da cultura brasileira e peruana. “Como crítico da literatura latino-americana, Mário orienta seus trabalhos com um sentido de responsabilidade, voltado a tudo aquilo que ele podia mudar.” (ANTELO, 1986, p. 158), assevera o crítico Raúl Antelo. Tanto o escritor brasileiro, como o peruano foram responsáveis por alavancar uma série de estudos e pesquisas que impulsionaram majoritariamente uma dezena de outras investigações. A trajetória de publicações e obras de Mário de Andrade remontam um olhar mais preponderante para os anos posteriores a década de 20, enquanto José Arguedas impulsiona tudo isso para os anos posteriores a década de 30. Em suma, ambos contribuíram com grandiosa frequência, buscando outorgar seus trabalhos para futuras gerações intelectuais que já estavam surgindo no Brasil e no Peru.

1.2 – PANORAMA CULTURAL DA AMÉRICA LATINA – DURANTE A TRAJETÓRIA DE MÁRIO DE ANDRADE E JOSÉ MARIA ARGUEDAS

Esse período fértil, de 1930 a 1945¹⁰, apresenta eventos nacionais e estrangeiros que remontam um olhar para a América do Sul, nas áreas da história, sociologia, literatura, que serão importantíssimos e essenciais para uma



profunda reflexão acerca de distintos processos sociais e trabalhistas que envolvem a temática de ambos.¹¹ No censo demográfico de 1920, a cidade paulista, recém colonizada por imigrantes europeus (Italianos e outros europeus, contava com a cifra de 579,033 (quinhentos e setenta e nove mil e trinta e três habitantes), enquanto o estado de São Paulo estava oscilando na cifra de 4.592,188 (quatro milhões e quinhentos e noventa e dois mil e cento e oitenta oito mil habitantes).¹² Pouco a pouco os adventos tecnológicos, a arquitetura da cidade, o sofisticado urbanismo acelerado e a indumentária evidente das pessoas vão adentrando e ganhando forma no acervo rústico e ainda provinciano da capital paulistana. “Cortada do passado pelo seu modo de desenvolvimento abrupto, São Paulo, tal como era figurada pelos seus cronistas, aparecia insistentemente refletida num improvável espelho do futuro.” (SEVCENKO, 1998, p. 37) Enquanto isso, a capital peruana, Lima de Arguedas, contava na década de 1920 com o número de aproximadamente 4.862.0 (Quatrocentos mil e oitocentos e sessenta e dois habitantes).¹³ Boa parte desses habitantes eram formados por grupos indígenas e imigrantes de algumas partes europeias.

Em São Paulo, Mário já observava o crescimento da grande metrópole muito bem retratado na sua obra poética *Paulicéia Desvairada*, enquanto isso, Arguedas também observa algumas cidades peruanas no olhar de Ernesto, da obra *Os Rios Profundos*¹⁴. É através da espreita desse espaço temporal, especificamente quinze anos, que iremos brevemente buscar introduzir as variantes das relações e circunstâncias nas sociedades ao qual faziam parte e aís quais irão também dialogar as obras dos dois escritores, e que significará também como eles foram recebidos pela crítica e pelo público correspondente. A temática sociológica que atingiu Mário de Andrade e José Maria Arguedas, ampliando e condicionando seus planejamentos de sobrevivência, tem uma ampla e brusca trajetória, que acaba coincidindo com a própria história da América Latina.

História, Antropologia, Etnografia, panorama social e cultural que Mário desde jovem rapaz irá acompanhar muito bem e fielmente, já que possuía a



atitude de leitor assíduo da realidade de toda a América. Realidade que se apresentou bastante fiel e polêmica quando traçada nas suas crônicas publicadas em jornais argentinos e brasileiros. “A literatura brasileira vai aos poucos aguçando o interesse das outras nações hispano-americanas.”, (ANDRADE, 1986, p. 194) escreve Mário em tom de entusiasmo e vontade de aproximação. Não seria leviano afirmar que muito desse material formulado por Mário manteve fortes entrelaces curiosos com o período histórico-artístico de época, juntamente com as questões literárias registradas na América Latina. Confeção de escritos que transmitiu ao leitor mais encorajado uma série de informações adicionais sobre o panorama da América Latina. ¹⁵Para Mário, a investigação e o aprofundamento dessas questões sociais, dentro de um contexto latino-americano, facilitariam o entendimento da sociedade em função de suas características etnográficas e culturais. Além disso, o escritor paulista, acreditava que estudar toda essa conjuntura permitiria inventariar modos e meios para conquistar formas originais de enxergar outras realidades. Talvez, tenha sido esse a real curiosidade ou motivo de indagar sobre a identidade semelhante, porém ao mesmo tempo adversa dessas perspectivas geográficas.

Podemos supor que ao término da obra *O turista aprendiz*, o escritor Mário teria um projeto literário de maior complexidade. Um desses supostos motivos que aqui podemos postular seria o próprio subtítulo (Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia/ por Marajó até dizer chega¹⁶). Ou seja, Mário desejava conhecer outras nações dentro do contexto da América Latina (Peru, Bolívia) e de fato isso se concretizou de forma muito harmônica e amistosa. Essas 03 respectivas frases, separadas por vírgula, remetem-nos a imaginar que Mário tinha a projeção de incluir outros países nas suas andanças, sublinhando a idéia do panorama latino-americano. Outra suposição bastante convincente, que a crítica Telê Ancona (LOPEZ, 1977, p. 25) aponta, seria o desenho e a ornamentação da capa introdutória do livro. Segundo a estudiosa, Mário desenha uma figura indígena com fisionomia bastante tropical, com uma coroa na cabeça, designando semelhanças com o estilo europeu. Na parte inferior do desenho, o escritor paulista inclui graficamente o nome “América”,



evocando o planejamento de incluir todos esses países em um único panorama artístico-literário.

A temática sociológica e missionária dessas respectivas obras inseridas no contexto da América Latina repercute no ofício antropológico e etnográfico dos dois autores. Os dois foram modelados em escolas antropológicas e literárias distintas, mas pelo destino entraram em contato com outros conhecimentos/sabedorias em benefício de seus quase semelhantes interesses por um contato próximo do estudo do povo e da nação. Nesse sentido, militavam em comarcas diferentes em plena década de 1930: Mário no palco da Paulicéia Desvairada, Arguedas nas variadas viagens em território peruano e nas universidades peruanas. A rotina cidadina e burocrática nos distintos campos propiciou, entre eles, coesão tão sólida que seria difícil imaginar uma separação diferenciada. A paulicéia era o palco da modernização, por outro lado, as universidades peruanas o campo das investigações e da produção do conhecimento. Por fim, podemos postular que tanto Mário, como Arguedas não sentiram a real necessidade de encarar, e de definir uma espécie de saber preferencial sobre determinado assunto, mas condicioná-lo pelo viés dialógico ou da comparação.

Não devemos nos furtar, que as crônicas de viagens da obra *O turista aprendiz*, especificamente a primeira parte, faz variadas e aprofundadas alusões ao contexto peruano e da América Latina, como um todo. Mário sabia como encontrar esses vestígios culturais peruanos sem mesmo saber da existência dos temas tratados por José Arguedas na sua literatura, embora, tivessem meios e formas de se aproximar disso tudo. Em crônica na cidade de Nanay, no dia 24 de junho, Mário recria um diálogo prolífico entre um barqueiro indígena e sua pessoa. Ambos comentam aspectos da cultura peruana e relatam o período próspero e organizado que naquela época a civilização inca havia passado. Posteriormente, em crônica de mesma data, o escritor paulista refaz alguns apontamentos e observações sobre algumas visitas e protocolos das autoridades locais peruanas. Por fim, outros variados episódios e acontecimentos irão ganhar a merecida atenção para com os seus registros de



suas crônicas de viagens, fazendo remarcar ainda mais esse breve período em território peruano que Mário conseguiu representar.

Mário de Andrade e José Arguedas não conseguiram discutir abstratamente os horizontes de suas respectivas obras literárias. Levando em conta suas distâncias geográficas, o escritor brasileiro, tido como correspondente assíduo, não chegou a trocar correspondências com o escritor peruano. Apesar da sua vasta epistolografia, Mário não teve a devida oportunidade e chance de manter uma fiel amizade com José Maria Arguedas. Mesmo sendo coletores de matérias etnográficas não conseguiram trocar suas experiências e investigações de pesquisa enquanto estiveram vivos e participantes das duas nações. Com efeito, no intervalo dos respectivos anos de produção escrita, de 1930 a 1969, ocorreram profundas transformações nas modalidades de escriturar a cultura e a história, que se projetaram até as décadas finais do século XX. Em suma, mesmo assim, a rotina literária no ambiente cultural da América Latina propiciou, entre eles, coesão tão significativa que seria impossível pensar em uma separação tão inválida.

Finalmente, não devemos nos esquecer que durante a jornada de viagens pela nação peruana, o escritor paulista chega a visitar a cidade que foi o pano de fundo da obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*, como podemos verificar no trecho do *Turista Aprendiz*: “Paramos madrugadita no porto-lenha de Chimbote. A bordo ma crilada maleitosa” (ANDRADE, 1976, p. 111) Ora, podemos perceber que as leituras das crônicas de Mário trazem a luz duas estratégias semelhantes em relação à categoria e a temática dos seus pensamentos, marcados por certo viés sociológico e militância social. Com efeito, tudo isso somado as expectativas de conhecer e trilhar novos caminhos culturais entre Brasil e Peru. Coincidência ou mero acaso, os dois escritores não sabiam que suas literaturas poderiam se cruzar e transformar em objeto comparativo de uma possível investigação de estudos ou pesquisas dentro dessa temática. Enfim, um breve adentramento dos fatos e episódios, que marcaram a literatura de ambos os escritores, poderá melhor elucidar e ilustrar a aproximação que aqui estamos propondo.



1.3 – O TURISTA APRENDIZ E EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO – ALGUNS ASPECTOS COMPARATIVOS

A união do *turista aprendiz* com o *El zorro* pode causar surpresa a quem já leu, mas não buscou raciociná-los dentro de algumas semelhanças e até mesmo suas respectivas diferenças. A motivação para tal aproximação dessas obras, dentro do contexto da América Latina, seria o caráter do gênero textual, bem semelhante, assim como as supostas denúncias sociais que são realizadas em forma de arte literária por ambos os escritores. A obra *O turista aprendiz*, por ser fruto de pesquisas antropológicas e etnográficas e por ter a característica de diários de viagens, assim como uma linguagem híbrida. Por outro lado, a obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*, também fruto de pesquisas etnográficas, com fortes dizeres sociológicos em relação às desigualdades sentidas na pele de Arguedas, ao comparar o povo da serra peruana, ¹⁷que se entregava ao trabalho quase escravo da cidade costeira de Chimbote.

Para o leitor mais experiente é fácil perceber essas inclinações populares em ambas as obras. Tanto Mário como Arguedas, optou por afrontar o toque de recolher da etnografia na América Latina, junto a isso, muniram e manejaram seus projetos literários, abastecidos de estratégias de escrita, que lhes autorizaram veicular as pulsões dos povos que estavam buscando representar através de suas palavras. Focando em seus projetos, atingir um status literário respeitável que lhes garantisse audiência, por um lado, e, por outro que assegurasse existência literária às suas experiências com o popular e o social. Mário aprofundava a proximidade do povo e do popular, de forma gradativa, tanto é que isso já vinha sendo arquitetado como forma estratégica de formular suas crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*, onde o lado da análise do povo é mais notório. Enquanto, José Arguedas já fazia algo parecido e antecipado ao incorporar sua biografia ao personagem Ernesto nas suas longas viagens na obra *Os rios profundos*. Em suma, ambos atuaram no sentido progressista de confirmar a diversidade de vozes que carregavam os seus escritos, estabelecendo, assim, a relação e a mescla dos seus respectivos



grupos étnicos e sociais de origem, difundindo, dessa forma, a identidade com diversos tipos de oprimido.

Por outro lado, não devemos exagerar no contraste entre *O turista aprendiz* e a obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*. As duas obras inacabadas e publicadas postumamente compartilham uma série de características visíveis e semelhantes: o status incerto dos textos devido às variadas lacunas encontradas; o paralelo das culturas indígenas apresentadas de forma singular¹⁸; a evidência geográfica que tanto Mário como Arguedas estiveram no Peru; e até mesmo sua situação cultural como obras culturais para ampliação do conhecimento da personalidade de ambos os escritores. Tanto *O turista* como *El Zorro*, são frutos de especulações ensaísticas culturais. Obras literárias que compartilham até mesmo suas referências ao contexto do panorama econômico de época: Mário declara-se conhecedor da realidade das indústrias e dos engenhos de cana de açúcar e da situação dos proletários e José Arguedas fala da situação da Serra e da Costa Peruana, pela economia das indústrias pesqueiras instaladas desenfreadamente no litoral e pelo movimento forte e migratório para a cidade de Chimbote. Em suma, surpreendentemente, ambas as obras são discutivelmente marcadas pelas tradições narrativas do mote proletário e econômico, explicitamente mencionadas em *O turista aprendiz* e mais subjacentes em *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*.

Estabelecidas, como obras sociais, destinadas a esclarecer os conflitos de classe e etnia que angustiam, respectivamente, os estados do Norte e do Nordeste visitados por Mário de Andrade e a serra e o litoral peruano que angustiam o mundo andino descritos por José Arguedas.¹⁹ Temáticas que ofertam conseqüentes denúncias sociais em forma de literatura referencial ou romanceada, percebemos em ambas as obras literárias um viés de contribuição social. Como salienta o escritor José Mariategui: “La literatura de un pueblo se alimenta y se apoya en *subtractum* econômico y político.” (MARIATEGUI, 1928, p. 196) A assertiva exposta pelo escritor peruano, José Mariategui, ilumina o nosso mote das literaturas ao qual estamos analisando aqui nesse ensaio.



Talvez, seja por isso, que precisamos buscar o elemento mais aproximativo que mantém essas duas majestosas obras em constante paralelismo simbólico: a condição do sujeito trabalhador que migra para outra cidade na condição de uma vida mais próspera e melhor no Nordeste Brasileiro e da Serra Peruana para a Costa Peruana.

A comparação dos olhares de Mário e Arguedas, acerca do objeto literário, da etnografia e da ficção, autoriza a investigarmos como é formulado o contexto mais panorâmico, bem como suas formas e variedades, referidas pelas principais vicissitudes históricas específicas. Por esse viés, a escrita combatente e sociológica representativa de Mário, assemelha-se aos modelos antropológicos trabalhados pelo escritor peruano, José Maria Arguedas. Assim nos parece sintomático, por exemplo, verificarmos que o escritor peruano também faz uma espécie de denúncia social romanceada ao escrever sua obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*. Ensaçando, um breve esquema de tal obra, podemos dizer que Arguedas empreende em seu discurso romanceado uma forma de evocar nas suas entrelinhas as vozes de um povo oprimido e inconsciente das reais causas dessa opressão.²⁰ Em outras palavras, Arguedas retrabalha o discurso do imperialismo desenfreado das primeiras indústrias pesqueiras da cidade de Chimbote no litoral peruano.²¹ Vejamos os detalhes do discurso do narrador no trecho abaixo:

Ningun índio tiene pátria, ? no? Me consta. No saben pronunciar ni el nombre de su provincia. Ningun cholo, ningun negro verdadero, zambo o injerto tienen concierto entre ellos. Son peores que los índios em eso ?Donde esta la pátria amigo? (ARGUEDAS, 1996, p. 116)

Do fragmento transcrito é oportuno recuperarmos algumas frases e expressões que submetem o nosso olhar para um profundo questionamento. A frase “Ningun índio tiene pátria, ? no?”, já bastante sintomática e alusiva aos problemas enfrentados pelos indígenas em território peruano, evidencia a perda de tradição e do caráter desses povos tão primitivos. A denúncia, realizada por Arguedas, complementa em grau e sintonia a pujança migratória desenfreada ocorrida também nas serras peruanas. Em outra etapa, bastante simbólica e



significativa, o escritor e narrador José Arguedas, empreende em descrever a imagem de um inseto voador, que provocará uma série de alusões ao contexto da migração intensificada e desastrosa para o Porto de Chimbote. Situação um tanto significativa por amalgamar o caráter da denúncia social que nos moldes poéticos empreende sua causa mais justa de diagnosticar os problemas básicos dessa região.

_ Y asi, asicito como este bicho, los serranos de todos los pueblos de lãs montañas andinas, ? No es cierto? Siguen bajando a buscar trabajo a Chimbote; tambien vienen de la selva, atravesando trochas y montes rios callados de tan caudalosos. (ARGUEDAS, 1996, p. 106)

No trecho transcrito é possível verificarmos a fala do personagem em tom denunciante frente ao denso contexto migratório em função da busca por melhores condições de trabalho. O aspecto metafórico é aplicado com bastante inteligência por parte de Arguedas ilustra muito bem algumas questões de prática para com os moradores e a migração interna que ocorre nas cidades peruanas. Ao que tudo indica, o montante de cidadãos peruanos invadem de forma ampla o contexto urbano geográfico da nação, deixando família, entes queridos, vizinhos, enfim uma série de pessoas que dilaceram seus laços, para perpetuarem em outras cidades, possivelmente mais promissoras. Portanto, situação caótica que foi desmascarada na pena do narrador de José Arguedas evocando novas maneiras de enxergar aquela trágica realidade que massacrava cada vez mais os protagonistas desse genuíno romance.

Em contrapartida, por conta de Mário de Andrade é curioso notar que existia uma preocupação por parte do escritor paulista de aclamar e lisonjear o folclore e a cultura peruana através de suas palavras. Como muitos sabem, Mário pisou em solo peruano e permaneceu alguns dias buscando ousar da sua prosa, tentando registrar o máximo do repertório cultural exótico a sua cidade natal de São Paulo. Juntamente com sua comitiva, Mário teceu variados comentários, sobre a cultura peruana, buscando outorgar uma genuína voz, para aquilo que resolvera assimilar. Não obstante, o tempo que Mário atravessou a nação peruana, foi parcialmente suficiente, para ter uma grande noção de que



aquele povo precisaria do seu olhar tão solidário e fraterno. Com efeito, sua instigante curiosidade e sua contumaz performance de enxergar a cultura alheia foi fator primordial para executar com maestria suas tarefas. Nesse sentido, seus olhos de escritor comprometido em não distorcer aquilo que viu, acabou chamando a devida atenção para aqueles fatos histórico-sociais, que mais marcaram aquela civilização ainda tão esquecida e tão afastada dos meios técnicos de comunicação e de um progresso vigente, porém regada de tradições e costumes. Alguns fragmentos podem ilustrar melhor o grau comparativo:

Os peruanos, descendentes de espanhóis, falam com orgulho patriótico dos Incas, na civilização incaica, na música incaica. Também há brasileiros que querem lançar o estilo marajoara (ANDRADE, 1976, p. 117)

Através do trecho transcrito é notório identificarmos uma vasta curiosidade em relatar as tradições históricas desse povo. Ao que tudo indica, Mário teve o enorme desejo de conhecer as raízes e os costumes mais vivos desses povos ainda um tanto enigmáticos. Mário tinha uma enorme paixão pela preservação da memória das nações como fator contributivo para o resgate das tradições populares e artísticas. O efeito comparativo na última frase perfaz uma latente observação inteligente da valorização do povo peruano em relação as suas raízes genealógicas para com o povo brasileiro que também poderia realizar a mesma façanha. Ora, valorizar a nação significa também valorizar os ancestrais que remetem sempre a formação humana de cada país. Em suma, cabe lembrar que o povo brasileiro deveria ter maior consciência daquilo que ainda somos retrógrado em relação ao resgate do passado para o conhecimento do presente e da construção e progresso do porvir.

Concluindo: devemos salientar que para os dois escritores, a coleta etnográfica e antropológica, assim como a pesquisa de campo não significavam apenas a ampliação de algumas áreas do conhecimento, como literatura, folclore ou a própria antropologia. As duas eram o começo e as pistas de uma possível transformação cultural dentro das nações ao qual estavam os dois buscando representar, no sentido mais denso do termo, que visava alterar a



visão panorâmica das manifestações artísticas igualando a uma possível melhoria dentro dessas áreas. Por isso, a coleta e o estudo das ramificações antropológicas poderiam em tempo hábil modificar para melhor o ambiente artístico e cultural das suas nações. Em suma, os dois escritores cultivaram uma nova abertura para o diálogo das artes e da cultura de suas nações ao qual estavam diretamente representando.

1.4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O leque desses interesses aqui trabalhados induz a imaginar uma diversidade de competências que desconcerta e intriga qualquer leitor mais desprevenido. Percorrer todo esse manancial que aqui conseguimos expor significa verificar que o pensamento de Mário de Andrade e José Maria Arguedas, foi alimentado com os aportes das ciências humanas, da história, da lingüística, da filosofia, da literatura, da sociologia que se estruturou ao longo de suas respectivas trajetórias de intelectuais militantes e combatentes. Por isso a diluição dessas fronteiras nacionalistas e culturais, aqui exposto nesse breve artigo, foi essencial para a pluralidade e o rigor do pensamento desses escritores enquanto intelectuais ativos e estudiosos desses assuntos. Esse leque cultural que o escritor modernista assimilou foi indispensável para conseguiu formar boa parte da sua personalidade, assim como provocar outros possíveis estudos e formulações durante seus 51 anos de vida, assim como o escritor peruano José Arguedas nos seus 58 anos de idade. Como explicar o número sete tão cabalísticos pela questão do lapso temporal da morte de ambos os escritores? Enigma um tanto problemático e que pode render reflexivas linhas de boa dose de interpretação. Como explicar o tempo estabelecido entre os anos de 1930 e 1945 que ambos os escritores tão relativamente próximos não chegaram a se corresponder? Não sabemos se Mário ou José Arguedas lograram êxito em aplicar todo esse conteúdo humanístico nas suas obras artísticas, mas o certo é que ambos preencheram boa parte desse mesmo manancial para futuro das discussões, sendo coniventes tanto no ambiente



acadêmico, como no artístico. Visceralmente o líder modernista ou o antropólogo peruano abriam suas inquietações nessas considerações reflexivas, tecendo novas problemáticas, ressuscitando novos dizeres, provocando infinitos horizontes de enxergar a realidade brasileira e peruana em um contexto latino-americano.

Mário e Arguedas articulam o aporte do conhecimento genuíno de seus respectivos povos, contracenando com suas tradições e costumes. Obviamente, são comunidades que estão inseridas em cartografias distintas, tempos isolados, assim como contextos diferentes, porém ambas carecem de um olhar mais específico e denunciador que os dois escritores estarão voluntariosos a fazer. O resgate desse caráter substancial postula alguns deslocamentos para o interior dessas nações. Os discursos dos dois escritores chamam a atenção para uma sociedade mais justa e solidária, que combinasse compreensão daqueles ao qual o poder estava presente para aqueles que estavam subordinados a esse mesmo sistema de poder. Enquanto Mário entrava na febre de perquirir o interior nordestino através de duas viagens etnográficas, Arguedas posteriormente irá penetrar no interior peruano desde adolescente, tendo em vista que seu pai era uma espécie de funcionário judiciário e tinha que mudar de cidade para cidade.

Em última análise, escritores de literatura de caráter social sempre serão seres alucinados em compreender o “sentimento solidário humano” de outras gerações, a maneira como acontecem e irão acontecer na “sua época e na sua nação”. O dever desses intelectuais escritores que fazem denúncia social cujo seu instinto ideológico não queira ficar indiferente ao drama do seu tempo, é o de fazer explodir as contradições, desvelar os paradoxos que nos coloca diante de conflitos sem uma resposta aparente, indicar os caminhos sem saída. Nesse sentido, acreditamos que os intelectuais Mário de Andrade e José Maria Arguedas conseguiram immortalizar o seu nome e deixar marcas indelévels na vitrine dos maiores interpretes brasileiros e peruanos ao atingir a categoria de escritores inquietos com as angústias culturais e sociais dessas nações da América Latina. Sem delongas e sem rodeios, Mário conseguiu resgatar através das visitas nas indústrias da Paraíba e do Rio Grande do Norte uma espécie de



revolução proletária e José Maria Arguedas resgatou olhares para as injustiças praticadas na cidade costeira de Chimbote através das que pudesse vingar possíveis melhorias ao outros protagonistas fizeram conforme mencionados anteriormente aqui nessa breve artigo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

ANTELO, Raul. *Na Ilha de Marapatá. Mário de Andrade lê os Hispano-Americanos*. Hucitec. São Paulo, 1986.

ARGUEDAS, José Maria. *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Edición crítica. Eve-Marie Fell (coordinadora). 2a ed. Madrid; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Río de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989.

_____, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

LIENHARD, Martin. *La voz y la huella*. Ediciones Casa Juan Pablos, México, 1991.

LIENHARD, Martin. Etnografia e ficção na América Latina. IN: *Revista Literatura e sociedade*. USP. São Paulo, 1999.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. A Bordo do Diário, in: ANDRADE, Mário de. *OTurista Aprendiz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Universitária, 1977.

LOPEZ, Telê Porto Ancona *Mário de Andrade. Cronologia da vida e da obra*. In: A imagem de Mário. *Fotobiografias de Mário de Andrade*. São Paulo: Edições Alumbramento, 1998.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana*. Lima: Amauta, 1928.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.



OLIVEIRA, Cristiano Mello de. *Crônicas de viagens e a representação da cidade de Natal na obra o turista aprendiz de Mário de Andrade*. v. 2, n. 3, p. 327-345, Blumenau: Furb, setembro/dezembro 2008.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. *Considerações sobre a construção intelectual de Mário de Andrade: O Turista Aprendiz*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina- CCE- PPGL (Dissertação de mestrado), 2011.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. *As contribuições geográficas na obra O turista aprendiz, de Mário de Andrade*. Revista Conhecimento Prático de Geografia. São Paulo: Editora Escala. 2011

OLIVEIRA,_____. *As contribuições sociológicas na obra O turista aprendiz, de Mário de Andrade*. Revista Conhecimento Prático de Sociologia. São Paulo: Editora Escala. 2011

OLIVEIRA,_____. *Ficção e documento: debates e entrevistas sobre temas polêmicos com Mário de Andrade*. Livro em fase de publicação, 2010.

ORTEGA, Julio. *La cultura peruana. Experiência e consciência*. Tierra Firme, 1978.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PAZ, Octavio. *Tiempo Nublado*. Barcelona: Biblioteca del Bolsillo, 1986.

POLAR, Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. UFMG: Belo Horizonte, 2000.

RAMA, Angel. *Literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos de História Intelectual*. São Paulo: Papirus, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Orpheu Extático na Metrópole*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

¹ Doutorando em Literatura UFSC-Capes – E-mail: literariocris@hotmail.com – Autor de artigos em revistas científicas nacionais. Autor do livro *Ficção e documento: debates e entrevistas imaginárias sobre temas polêmicos com Mário de Andrade*. Atualmente desenvolve pesquisa sobre Romance Histórico.

² Sobre esse aspecto das migrações internas o crítico Conejo Polar esclarece que: “É importante salientar que desde tempos remotos e até hoje existe algo como uma retórica da migração, enfatizando sentimentos de dilaceramento e nostalgia e compreendendo normalmente o ponto de chegada – a cidade – como um simples espaço hostil, embora de certo modo fascinante ou simplesmente necessário, e ao mesmo tempo situando na origem camponesa uma positividade quase sem fissuras, com frequência vinculada a uma natureza que é sinal de plenitude e signo de identidades primordiais.” (POLAR, 1996, p. 301)

³ Segundo Raul Antelo a estrutura híbrida da obra pode proporcionar: “A contrapartida do livro-como-viagem é a viagem-como-texto e não mais a viagem pitoresca e histórica, ao modo dos cronistas metropolitanos. *O Turista Aprendiz* de Mário de Andrade é uma tentativa de explorar o simultaneísmo de pontos de vista (o intelectual de elite urbana, o intelectual provinciano, o primitivo), gerando uma multiplicidade de discursos; o diário de viagens, o ensaio, o documento de análise antropológica, o lirismo narrativo e o prosaísmo poético.” (ANTELO, 1986, p. 95)

⁴ “He luchado contra la muerte o creo haber luchado contra la muerte, muy de frente, escribiendo este entrecortado y quejoso relato. Yo tenía pocos debiles aliados, inseguros; los de ellas han vencido. So fuertes y estaban bien resguardados por mia própria carne. Este desigual relato es imagen de la desigual pelea. (...) Depiendan um tiempo del Perú. He sido feliz in mi llantos y lanzazos, porque fueron por el Peru; he sido feliz con mis insuficiências porque sentia el Peru in quéchua y en castelanno.” (ARGUEDAS, p. 243 – 246)

⁵ Sobre a questão da renúncia da problemática Antonio Candido alerta: “Por outro lado, se aceitarmos a realidade na minúcia completa das suas discordâncias e singularidades, sem querer mutilar a impressão vigorosa que deixa, temos de renunciar à ordem, indispensável em toda investigação intelectual.” (CANDIDO, 1981, p. 30)

⁶ Segundo o sociólogo Renato Ortiz: “Se os intelectuais podem ser definidos como mediadores simbólicos é porque eles confeccionam uma ligação entre o particular e o universal, o singular e o global. Suas ações, portanto, distintas daquelas que encarnam a memória coletiva.” (ORTIZ, 2006, p. 139)

⁷ “Como hombre, Arguedas vivió, según él mismo dijo, toda la dicha y la desventura del país. Poseía lãs claves de uma felicidad durable em sus fuentes aborígenes; en la capacidad de comunicaci3n que manifesto como inherente a la condici3n indígena. Pero habia sufrido el desgarramiento de esa condici3n; la violéncia y la negaci3n com que um mundo de castas sometía a sua raiz humana, a la parte desposeída del país. Como escritor, logro comunicar la extraordinária aberracion peruana de esa contradicci3n.” (ORTEGA, 1978, p. 52)

⁸ Para um maior aprofundamento/detalhamento dessa biografia ver alguns referenciais. O desenvolvimento/organizaç3o desses parágrafos iniciais /recompõe-se/fundamentam-se nas leituras: LOPEZ, Telê Porto Ancona *Mário de Andrade. Cronologia da vida e da obra*. In: A imagem de Mário. *Fotobiografias de Mário de Andrade*. São Paulo: Edições Alumbamento, 1998. Salientamos que a construç3o desse parágrafo implica numa leitura biográfica com razões de ordem panorâmica que abrangem de forma breve a vida do escritor Mário de Andrade.

⁹ Sobre essa questão teremos as reflexões de Angel Rama: “Partindo de uma experiência infantil privilegiada, decisiva tanto para a vida quanto para a morte de Arguedas, a saber, a convivência com os índios cusquenhos, que o aceitaram e protegeram como um dos seus, permitindo-lhe ter dentro de si os dois hemisférios culturais andinos, Arguedas vai tentar construir uma imagem interior e não exterior do índio, substituir o autômato da exploraç3o e das alegaç3es por uma criatura viva e próxima que pode ser reconhecida pelo leitor como igual.” (RAMA, 2001, p. 193)

¹⁰ Estipulamos esse período por saber que Mário de Andrade viveu em uma época que José Maria Arguedas também estava vivo e ambos conjugaram seus escritos em suas respectivas nações. Ou seja, não existem evidências ou sequer notícias que chegaram a se conhecer ou trocar algum tipo de correspondência, assim como tenham lido a obra de um como o outro.

¹¹ O ensaísta Octavio Paz na sua obra *Tiempo Nublado* complementa o terreno dessa complexa conjuntura : “El caso de America Latina es un ejemplo de la intrincada complejidad de las relaciones entre historia y literature. En lo que va del siglo há aparecido, lo mismo en la América hispana que en el Brasil, muchas obras notables, algunas de veras excepcionables, en la poesia y en la prosa de ficcion.” (PAZ, 1986, p. 161)

¹² Dados extraídos do site: Disponível em: http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas.php. Acesso no dia 11/08/2011. *Evolução da População Segundo seus Componentes (1900 a 2000)*

¹³ Dados extraídos do site: Disponível em: <http://www.cicred.org/Eng/Publications/pdf/c-c41.pdf>>>. Acesso no dia 26/01/2012. *La poblacion del Peru*. p. 220

¹⁴ Na obra em questão, o personagem Ernesto observa a capital peruana de forma etnográfica todas as mudanças sofridas pelo ensejo tecnológico e do progresso

¹⁵ Segundo Antonio Candido: “Mas a realidade é a que ficou indicada no começo e se reflete no temerário deste encontro, cujo pressuposto é a existência de traços comuns às literaturas ibéricas da América Latina. Estes traços seriam naturalmente devidos ao fato de que os nossos países terem sido colonizados pelas duas monarquias da Península, cujas afinidades eram notórias; ao fato de terem conhecido a escravidão, como regime de trabalho, a monocultura e a mineração, como atividade econômica; de passarem em geral por um processo amplo de mestiçagem com povos chamados de cor; de terem produzido uma elite de crioulos que dirigiu o processo de independência em períodos sensivelmente paralelos, e depois o capitalizou em benefícios próprio, a fim de manter mais ou menos intacto o estatuto econômico e social.” (CANDIDO, 1989, p. 200)

¹⁶ Título elaborado por Mário de Andrade.

¹⁷ Salienta o escritor José Mariategui: “En la Sierra, la región habitada principalmente por los indios, subsiste, apenas modificada en sus lineamientos, la más bárbara y omnipotente feudalidad. El dominio de la tierra, coloca em manos de los gamonales la suerte de la raza indígena, caída em un grado extremo de depresion y de ignorância. Además de la agricultura, trabajada muy primitivamente, la Sierra peruana presenta otra actividad económica: la minería, casi totalmente em manos de dos grandes empresas norteamericanas.” (MARIATEGUI, 1928, p.39)

¹⁸ Novamente salienta José Mariategui: “La suposición de que el problema indígena es un problema étnico se nutre del más envejecido repertorio de ideas imperialistas. El concepto de las razas inferiores sirvió al Occidente blanco para su obra de expansion y conquista. Esperar la emancipación indígena de un activo cruzamiento de la raza aborigen com inmigrantes blancos, es una ingenuidad antisociológica, concebible solo em la mente rudimentaria de un importador de carneros merinos.” (MARIATEGUI, 1928, p. 33)

¹⁹ “La literatura nacional es em Peru, como la nacionalidad misma, de irrenunciable filiación española. Es una literatura escrita, pensada y sentida em español, aunque em los tonos, y aun el sintaxis y prosodia del idioma, la influencia indígena sea em algunos casos más o menos palmaria e intensa.” (MARIATEGUI, p. 192)

²⁰ “Pero esta discordia de la ficción y la crónica (esta tension entre el relato y el testimonio) probablemente tiene que ver com la perspectiva misma que informa su enfrentamiento de la experiencia peruana. Para José Maria Arguedas el relato está em la virtualidad de conflicto. O sea, em la exacerbación del testimonio. Como em ciertas novelas del siglo XIX, em las de Arguedas uno de antemano sabe que el desarrollo de la ficción está entregado a la condición terrible de la experiencia.” (ORTEGA, 1978, p. 51)

²¹ “En la costa, el latifundio ha evolucionado – desde el punto de vista de los cultivos -, de la rutina feudal a la técnica capitalista, mientras la comunidad indígena há desaparecido como exploración comunista de la tierra. Pero em la sierra, el latifundio há conservado integralmente su carácter feudal, oponiendo una resistencia mucho mayor que la comunidad al desenvolvimiento de la economía capitalista. La comunidad, em efecto, cuando se há articulado, por el paso de un ferrocarril, com el sistema comercial y las vías de transportes centrales, há llegado a transformarse espontaneamente, em una cooperativa.” (MARIATEGUI, 1928, p. 70)